

Cartilha de práticas  
pedagógicas

---

LÍNGUA PORTUGUESA  
Ensino Fundamental

---

# Língua Portuguesa em articulação com as relações étnico-raciais

JACIARA GOMES

Secretaria Executiva  
de Desenvolvimento  
da Educação

Secretaria  
de Educação  
e Esportes



GOVERNO DE  
**PER  
NAM  
BU**CO  
ESTADO DE MUDANÇA

# Cartilha de práticas pedagógicas

---

LÍNGUA PORTUGUESA  
Ensino Fundamental

---

# Língua Portuguesa em articulação com as relações étnico-raciais

**JACIARA GOMES**

Secretaria Executiva  
de Desenvolvimento  
da Educação

Secretaria  
de Educação  
e Esportes



GOVERNO DE  
**PER  
NAM  
BU**CO  
ESTADO DE MUDANÇA

Equipe Técnica

SECRETARIA EXECUTIVA DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO - SEDE  
Tarcia Regina da Silva

SUPERINTENDÊNCIA DE POLÍTICAS EDUCACIONAIS  
DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E INOVAÇÃO PEDAGÓGICA - SUPEFI  
Rodrigo César Barroncas Silva

PRODUÇÃO EDITORIAL  
Companhia Editora de Pernambuco - Cepe

#### SOBRE A AUTORA

Jaciara Gomes: Atua como professora adjunta na UPE, onde realiza pesquisas sobre ensino de leitura, escrita e educação das relações étnico-raciais. Lidera o Grupo de Pesquisa em Letramentos e Práticas Discursivas e Culturais (LEPDIC) e coordena o projeto de extensão em Culturas Periféricas (CULPERIFA).

#### **Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

---

Gomes, Jaciara

Língua portuguesa em articulação com as relações étnico-raciais / Jaciara Gomes. -- Recife, PE : Secretaria de Educação e Esportes, 2024. -- (Cartilha de práticas pedagógicas. Língua portuguesa : ensino fundamental)

Bibliografia.

ISBN 978-65-993793-9-0

1. Língua portuguesa - Aspectos sociais - Brasil  
2. Racismo 3. Relações étnico-raciais I. Título.  
II. Série.

24-196438

CDD-372.6

---

#### **Índices para catálogo sistemático:**

1. Língua portuguesa : Ensino fundamental 372.6

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

Impresso no Brasil 2024  
Foi feito o depósito legal

# Sumário

<b>Para início de conversa</b> .....	4
<b>Capítulo 1</b>	
<b>O <i>pretuguês</i> no contexto do racismo linguístico</b> .....	5
1.1 (Re)pensando os eixos estruturantes em articulação com as relações étnico-raciais .....	8
<b>Referências bibliográficas</b> .....	15

# Para início de conversa

Nesta cartilha propomos uma reflexão sobre modos possíveis de trabalhar os objetos de Língua Portuguesa, segundo o que propõem o Currículo de Pernambuco (CPE) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), no contexto das *Relações étnico-raciais: educar para o (re)conhecimento e valorização da diversidade e da diferença* – temática deste ano letivo. Buscamos, portanto, promover uma articulação entre o referido tema e os eixos de leitura, produção textual, oralidade e análise linguística/semiótica.

Nesse sentido, recuperamos a noção de língua como uma prática social, voltada para a comunicação e a interação, vinculada a propósitos situados, históricos, pragmáticos e discursivos. Em consonância com a perspectiva sociodiscursiva de linguagem assumida pelo CPE (2019), que entende a língua como uma produção de sentido, uma forma de interação social, através da qual atuamos no mundo, ou seja, é um exercício de poder.

A partir desse recorte sociodiscursivo, realizamos uma articulação com as relações étnico-raciais, entendendo que “educar para o (re)conhecimento e valorização da diversidade e da diferença” é cumprir o que determinam as Leis 10.639/03 e 11.645/08, que versam sobre o ensino das culturas e histórias africanas, afro-brasileiras e indígenas. Assim, realizamos um estudo e aprendizagem de Língua Portuguesa (LP) tanto na dimensão externa, ou seja, sociopolítica, como também interna, mais especificamente linguística (Soares, 1998).

Para articular o ensino de LP às relações étnico-raciais, primeiramente debatemos sobre a perspectiva de diversidade linguística. Isso implica pensar a respeito de variação linguística a partir de autores negros. Desse modo, o debate é apresentado a partir do pensamento da historiadora e filósofa Lélia Gonzalez, sobre o *pretuguês*, bem como a partir das reflexões do linguista Gabriel Nascimento a respeito do racismo linguístico. São ideias basilares para relacionarmos aos eixos de ensino de LP, considerando a língua em uso algo que promove ações intencionais no outro e no mundo. As discussões prosseguem priorizando exemplares de gêneros textuais que apresentam a pessoa negra e indígena em posição de destaque, como produtoras e principais receptoras. Tais escolhas apontam para a necessidade de um letramento racial crítico na formação de professores e alunos. Conhecer as práticas linguísticas desses povos é uma maneira de subverter a ordem em que a sociedade brasileira foi estruturada.

# 1

## O *pretuguês* no contexto do racismo linguístico

Os traços africanos no português brasileiro correspondem ao que a historiadora Lélia Gonzalez nomeou *pretuguês*. Para ela, isso seria um recurso de resistência, que marca na língua nacional a existência, a interferência e, conseqüentemente, as ações de povos escravizados no Brasil. Vamos entender o que nos explica Gonzalez (1984, p. 238) sobre essa questão:



### FALA PESQUISADOR/A

“É engraçado como eles gozam a gente quando a gente diz que é Framengo. Chamam a gente de ignorante dizendo que a gente fala errado. E de repente ignoram que a presença desse R no lugar do L, nada mais é que a marca linguística de um idioma africano, no qual o L inexistente. Afinal, quem que é o ignorante? Ao mesmo tempo, acham o maior barato a fala dita brasileira, que corta os erres dos infinitivos verbais, que condensa você em cê, o está em tá e por aí afora. Não sacam que tão falando *pretuguês*.”

Investigar a variação linguística nessa perspectiva é compreender os aspectos culturais, sociais, históricos próprios de contextos de uso. Logo, o professor promove o desenvolvimento de pelo menos duas competências específicas de LP, a saber: a de número 1, que diz respeito à compreensão da língua como fenômeno

cultural, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, além de reconhecê-la como meio de construção de identidades de seus usuários e da comunidade a que pertencem; e a de número 4, que versa sobre a compreensão do fenômeno da variação linguística, demonstrando atitude respeitosa diante de variedades linguísticas e rejeitando preconceitos linguísticos (CPE,



## FALA PESQUISADOR/A

Gomes (2022, p. 2) ressalta a importância das reflexões de Gonzalez, no que “diz respeito à influência do tronco linguístico bantu na formação da língua brasileira. Com uma contribuição verdadeiramente linguística, a também historiadora defende o *significante bantu/bunda* como sendo língua, linguagem, sentido e coisa.”

2019, p. 97). Nesse debate, o professor Gabriel Nascimento (2019) nos convida a pensar sobre a raça e a classe social dos sujeitos. A partir disso, o linguista afirma que a racialização da língua é um modo de racismo linguístico, afirmando que a raça é definidora da classe social no Brasil. Para o autor, como a língua é racializada, os sujeitos também devem ser.

A língua padrão termina atuando no silenciamento de outras línguas. É o que discute a professora Fernanda Cerqueira (2020) ao compreender o *pretuguês* como uma comunidade de prática, tomando como exemplo o movimento hip hop. Para ela, a falta de concordância nominal em sintagmas como os *mano*, os *cara*, os *menor* e os *homi* demonstra o quanto os falantes estão comprometidos

com seus grupos sociais, além de revelar resistência, consciência de classe, em uma performance estratégica de uma identidade racial.

Em consonância com essas ideias, sugerimos um episódio do Canal GNT, disponível no YouTube, em que o rapper Emicida conversa com a professora Flávia Rios e outros artistas sobre esse processo da influência africana na língua portuguesa.

O vídeo indicado apresenta um debate essencial aos estudos da linguagem, no entendimento de que as línguas variam, além de contribuir para



PRETUGUÊS: a africanização da língua portuguesa brasileira | O enigma da energia escura

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=v7ZC429ONME>  
(Acesso em: 10 jan. 2024)

ampliar o letramento do professor, bem como dos discentes sobre a temática. Apontamos aqui também o rap enquanto possibilidade de acessar essas culturas negras e periféricas. No dizer de Gomes (2022), o gênero possibilita transgredir práticas escolares centradas na língua do colonizador, tematizando saberes construídos na vivência, conhecimentos que precisam ser produzidos quando se pretende promover práticas antirracistas.

Inserir gêneros textuais mais próprios dos universos dos estudantes, como rap, slam, brega funk, entre outros, promove o protagonismo juvenil, além de colocar em maior evidência os temas que mais tocam a juventude negra e periférica, como pontua Gomes (2021). A professora, analisando os significados do brega funk, mostra como o gênero traz ao debate temáticas que vão além de violência e sexualidade. Em seu estudo, ao analisar a letra do funk *Quanta iniquidade*, gravada pelo MC Leozinho do Recife, ela verifica como o enunciador estabelece relações causais entre eventos, práticas e estruturas. Numa perspectiva discursiva, o professor pode explorar com os alunos as dimensões históricas, econômicas, sociais e cognitivas dessas relações. Gomes (2021) explica como diferentes agentes sociais são apresentados em eventos generalizados na canção.

Pesquisas dessa natureza abrem novas possibilidades para que o professor trabalhe outros textos, saindo de um ensino pautado exclusivamente na linguagem padrão, e dialogue melhor com os alunos que podem passar a se sentir reconhecidos e, conseqüentemente, pertencentes ao espaço escolar. Desse modo, o ensino e a aprendizagem de língua podem contribuir para ampliação das interações discursivas dos estudantes. Já que, como pontuado no Currículo de Pernambuco



## FALA PESQUISADOR/A

Nas palavras de bell hooks (2017), a multiculturalidade do mundo deve moldar as práticas a serem transformadas pelos professores. Para a pensadora estadunidense, isto implica rever o modo como o conhecimento é compartilhado, inclusive trazendo os alunos para outros modos de (re)aprender, na contramão da corrente.



## FALA PESQUISADOR/A

“Como conseqüências dessas ações, são expostas as condutas dos moradores das favelas que são assim apresentados como vítimas de um sistema que desumaniza os sujeitos e os transforma em criminosos.” (Gomes. 2021, p. 210-211.)

(2019), nos anos finais do Ensino Fundamental, o tratamento da linguagem está centrado em ampliar, complexificar e promover maior criticidade das situações comunicativas já vivenciadas, ou seja, está direcionado a experienciar novas práticas com a linguagem. Isso sem perder de vista que cabe à escola dispor de métodos, estratégias e recursos que melhor cumpram com o desenvolvimento das características cognitivas e também culturais dos estudantes.



### PARA REFLETIR...

“... não ouvimos a música como ela é, ouvimos a música como somos!”.  
Isto é o que defende o doutorando em música pela USP Thiago de Souza. Acompanhe para saber mais sobre funk, preconceito, discriminação e racismo (@canaldothiagson)!

## 1.1 (Re)pensando os eixos estruturantes em articulação com as relações étnico-raciais

É nas práticas de linguagem que estão estruturados os objetos de conhecimento e as habilidades. Isso significa que leitura/escuta, produção escrita, oralidade e multissemiótica e análise linguística/semiótica estão materializadas em práticas situadas historicamente e contextualizadas também nos campos/esferas discursivas, sendo influenciadas pelas condições de produção e recepção, já que se relacionam ao uso e reflexão da linguagem.

Esse trato da linguagem, em consonância com a BNCC, parte do entendimento de língua como uma prática social, situada historicamente e contextualizada, que é a noção de língua também assumida no CPE.

**O eixo da leitura**, voltado para a prática interacional entre leitor/ouvinte/expectador e a materialidade textual escrita ou oral, precisa levar o aluno a experienciar novas leituras com proficiência e criticidade. Para explorar essa prática, é fundamental que o professor selecione, inclusive em parceria com os estudantes, produções textuais diversificadas e que tragam outras vozes, negras e indígenas, à sala de aula. Podemos pensar a partir do slam, gênero oral/oralizado. Trata-se de uma batalha poética falada, que envolve performance e estilo bem característicos, promovendo um embate discursivo que diz muito do mundo em que seus produtores/receptores estão inseridos. A título de ilustração, vejamos uma apresentação de slam da rapper e poeta/slamer pernambucana Bione para a revista *Continente*.

É um exemplo de novas produções textuais. Nesse caso especificamente, vemos uma poeta exercitando uma voz feminina e reclamando para as mulheres mais respeito nas batalhas, no rapper (que não é só para menino). O enunciador explora ainda sua ancestralidade feminina e negra, ao invocar a proteção de Aqualtune, princesa congoleza, reconhecida como mãe de Ganga Zumba e avó materna de Zumbi dos Palmares. Assim, cercada por rapazes, a poeta resgata sua força africana, exige respeito e reconhecimento através da história. Com rimas potentes, a slamer faz o seu protesto mostrando persistência, resistência e, sobretudo, seus processos de reexistência. Nesse caso, observamos como os campos da atividade humana (o artístico-literário e o de atuação na vida pública) se inter cruzam.

**No eixo da produção textual**, tratamos de textos escritos, orais e multissemióticos, com diferentes propósitos comunicativos e voltados para a produção



[RÉCITA] Especial Poesia - Bione para revista *Continente*

Fonte: [https://www.youtube.com/watch?v=qe\\_xeSAZe6Q](https://www.youtube.com/watch?v=qe_xeSAZe6Q) (Acesso em: 09 jan. 2024)



## ISSO É MASSA!

Bábara C. S. Pinheiro, professora na UFBA, discute, em seu perfil no Instagram (@uma\_intelectual\_diferentona), temáticas voltadas para questões raciais a partir de fatos cotidianos ocorridos no Brasil e no mundo. Com linguagem precisa, a educadora contribui para o letramento racial crítico, tornando-se uma importante fonte de produção de conteúdos centrados numa formação cidadã e humana.

de sentidos nos muitos campos da atividade humana (considerando os anos finais do EF, temos o campo artístico-literário, o das práticas de estudo e pesquisa, o de jornalístico-midiático e o de atuação na vida pública). Essa produção discursiva reconhece as especificidades do ato de dizer, ou seja, da enunciação, atentando para quem disse, o que foi dito, a quem, com que propósitos e em que contexto.

No exemplo a seguir, observamos como alguns elementos linguísticos, textuais e discursivos são utilizados estrategicamente em uma prática de linguagem,



ÍNDIO CIDADÃO? - Grito 3 Ailton Krenak

Fonte: [https://www.youtube.com/watch?v=kWMHiwdbM\\_Q&t=23s](https://www.youtube.com/watch?v=kWMHiwdbM_Q&t=23s) (Acesso em: 11 jan. 2024)

a fala pública. Trata-se do discurso, gênero mais que apropriado para ampliação e criticidade dos estudantes no campo da atuação na vida pública. Em razão disso, selecionamos o discurso proferido pelo líder indígena e escritor Ailton Krenak, na Assembleia Nacional Constituinte, em defesa dos direitos indígenas.

O material sugerido é um recorte do documentário *Índio cidadão?*, apresentando o histórico discurso proferido pelo ambientalista, em abril de 1987. Enquanto fala, Krenak, trajando terno branco, pinta o rosto com tinta preta, mostrando toda sua indignação, e protestando contra os retrocessos nos direitos dos povos indígenas. O material, além de se constituir em uma fonte histórica, pode ser analisado do ponto de vista linguístico (léxico, construções sintáticas, operadores argumentativos), textual (intertextualidade, contexto, intencionalidade) e discursivo (interdiscursividade, relações de poder, ideologias), elementos essenciais em um texto argumentativo.

**Já o eixo da oralidade** reconhece a modalidade falada da língua como um objeto autônomo de ensino. Por isso, as dimensões discursivas e materiais próprias



## VOCÊ SABIA?

Há inúmeras *lives* e entrevistas no YouTube com o ambientalista Ailton Krenak, realizadas principalmente no contexto de pandemia. Além dessas aulas, Krenak é autor de obras como *Ideias para adiar o fim do mundo*, *A vida não é útil* e *Futuro ancestral*, publicados pela Companhia das Letras, que nos ajudam a conhecer o pensamento indígena.

da fala são o foco, sobretudo as que dizem respeito ao conteúdo e à forma do dizer. O CPE, em acordo com o que defende a BNCC, ressalta a prioridade da fala pública, enfatizando a ampliação dos conhecimentos dos estudantes.

Perceber criticamente os diferentes contextos sociais da fala é um dos objetivos do trabalho pedagógico com a oralidade. Para além disso, as especificidades da fala são essenciais à formação dos estudantes. Eles devem construir os sentidos produzidos pela escolhas linguística e multissemióticas, sem perder de vista a necessidade de haver um ambiente seguro e acolhedor, que favoreça a expressão

de ideias, sentimentos e identidades. Assim, busca-se reconhecer as diferenças com respeito e acolhimento.

Além de discursos como o de Krenak, apresentado na discussão sobre a produção textual, o professor pode se valer de discussões, debates, seminários, pa-



## FIQUE ATENTO/A

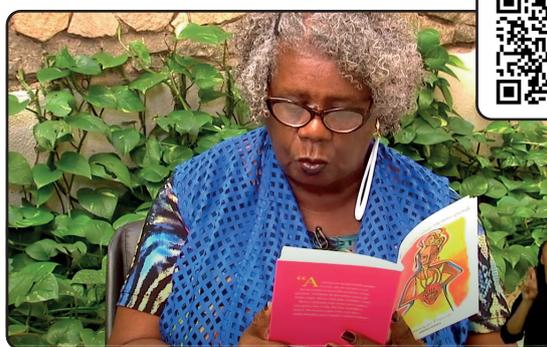
Expressões racistas que devem sair do nosso vocabulário: “amanhã é dia de branco”, “serviço de preto”, “a coisa tá preta”, “mercado negro”, “denegrir”, “inveja branca”, “da cor do pecado”, “morena”, “mulata”, negra “de beleza exótica” ou com “traços finos”, “não sou tuas negas”, “cabelo ruim”, “cabelo de Bombril”, “cabelo duro”, “quando não está preso está armado”, “nasceu com um pé na cozinha” e “barriga suja”.

(<https://www.geledes.org.br/>)

lestras, entrevistas e muitos outros gêneros para explorar as especificidades da modalidade oral da língua. Muitos são os textos falados que apresentam pessoas negras e indígenas, ou mesmo ciganas, ribeirinhas, que podem ser utilizados como modelares nesse trabalho de respeito e valorização das diferenças. Vamos ilustrar com a entrevista da escritora Conceição Evaristo ao programa *Roda Viva*.

Entrevistas, no geral, representam bem uma prática social de uso da oralidade, em um contexto formal e público. Nesse material, o professor pode promover a identificação de pausas, hesitações, entonações, em uma fala expressiva e fluente. Ademais, pode-se identificar as escolhas linguísticas dos participantes, os usos estratégicos, buscando compreender como dizem o que dizem, bem como os efeitos de sentido construídos nesse dizer. Do ponto de vista temático, a entrevista proporciona a discussão sobre as motivações para uma escrita negra, os temas e personagens mais recorrentes, os impactos disso no mercado editorial e sobre a recepção dessas obras.

**No eixo da análise linguística/semiótica**, o trabalho pedagógico está voltado para a “perspectiva do uso-reflexão-uso da língua e a serviço das práticas propostas nos eixos de Oralidade, Leitura e Produção de textos”, conforme



*Roda Viva* | Conceição Evaristo | 06/09/2021

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=O2bxQJH-PIk> (Acesso em: 10 jan. 2024)



## SENTA QUE LÁ VEM HISTÓRIA!

*LÍNGUA* – Sérgio Vaz

Sempre vivi  
pra te amar  
meu amor  
tu em mim  
eu em ti  
o verbo desanda,  
é nós no calor...  
Se lhe dizem  
que sou sujeito sem predicado  
vós sabes que não sou,  
escuta a súplica da minha voz.  
Eu não estou nem aí  
para o substantivo coletivo  
e pros nomes que me dão.

Não sou possessivo  
mas só penso em retê-la  
no meu coração.  
Do teu lado  
estática a gramática  
não cabe em mim  
sou de fonemas, tretas  
poemas e escrevo cartas sem fim.  
Vagal sem consoantes  
Te mando um desejo  
em forma de letra:  
Ah, essa sua língua portuguesa  
no meu mandarim,  
mesmo analfabeto  
eu falava grego  
tim-tim por tim-tim

pontuado no CPE (2019, p. 84). Trata-se, pois, de desenvolver a capacidade reflexiva dos alunos a respeito dos recursos, e também das estratégias oferecidas pela língua nas práticas interativas de produção de sentido. Isso significa que a análise é realizada em diferentes dimensões da linguagem, como a discursiva, textual, gramatical, bem como nos modos de organização linguística e nos aspectos de outras semioses.

O livro *Múltiplas linguagens para o Ensino Médio*, organizado por Márcia Mendonça e Clécio Bunzen, além de apresentar discussões sobre multimodalidade e letramento, traz estudos sobre diferentes gêneros, como teatro, histórias em quadrinhos, documentário, telejornal, *blog*, revista de divulgação científica e grafite. Es-



## ISSO É MASSA!

O poeta Sérgio Vaz, mineiro que vive em São Paulo, autor da poesia *Língua* (apresentada no quadro acima), é fundador do Sarau da Cooperifa, uma cooperativa periférica que busca democratizar a poesia através de saraus realizados em ruas, praças e bares. O projeto tem sido replicado em muitas cidades brasileiras, contribuindo para a produção e divulgação de escritores e textos que geralmente ficam fora do circuito editorial. O que acha de pesquisar sobre ele?

As pesquisas podem ampliar os conhecimentos do professor a respeito de análise linguística/semiótica, ainda que exija adaptação aos níveis dos estudantes. Recortamos para nossa discussão o texto de Gomes (2013) sobre o gênero grafite.

A pesquisadora analisa exemplares de grafites colhidos na cidade do Recife e os analisa como uma ação social própria de jovens negros e periféricos. Ela defende a importância do grafite em sala de aula na superação de preconceitos e discriminações, como também na valorização das diferenças.

O exemplo apresentado (acima à direita) é bem característico do grafite, um elemento da cultura hip hop, que une arte e protesto social numa interpretação do mundo a partir de vivências periféricas em grandes centros urbanos (Gomes, 2013). A cultura hip hop surge no contexto pós-ditadura militar, quando os movimentos sociais ganham força, a exemplo do Movimento Negro Unificado. Essa contextualização histórica é fundamental para entender o hip hop como um movimento de reexistência, expressão cunhada por Souza (2011).

Outro aspecto importante de perceber é a composição multimodal desse gênero. Há a utilização da linguagem verbal, unida à pictórica, além de ser composto por múltiplas linguagens que podem ser observadas nas tonalidades e cores utilizadas (em um exemplar colorido), nos tamanhos das letras, nos preenchimentos e formas das personagens. O texto apresenta uma denúncia social a respeito das desigualdades e injustiças a que estão relegadas as diferentes classes sociais. Além desses elementos, podem ser estudadas as escolhas lexicais, a variação linguística, o uso de maiúsculas/minúsculas, aspectos morfossintáticos, semânticos e pragmáticos.



Grafite realizado em muro da Escola Dom Bosco, localizada em Casa Amarela, Recife/PE. Fonte: acervo de Gomes (2013)



## FALA PESQUISADOR/A

Gomes (2013, p. 130) argumenta que “a *grafitagem*, forma de expressão da juventude de bairros proletários, promove a aceitação do mundo do aluno em um novo mundo, o escolar.

Decorre daí que levá-la para sala de aula pode servir para o professor ativar o dinamismo e possibilitar ao aluno revelar os recursos que traz consigo.”

Desse modo, a escola, como um espaço estratégico na luta contra o racismo, na valorização das diferenças e na superação de desigualdades e injustiças, deve dessacralizar os textos, temas e autores, no trabalho pedagógico com as práticas de linguagem. Para tanto, deve compreender “o papel da linguagem no processo de dominação e subjugação dos sujeitos não brancos” (Gomes, 2022, p. 5).



## GUARDE ESSA IDEIA

Nesse texto, o professor encontra possibilidades de trabalhar a temática *Relações étnico-raciais: educar para o (re)conhecimento e valorização da diversidade e da diferença* articuladas aos objetos de ensino de Língua Portuguesa. Procuramos construir um texto didático que favoreça o trabalho pedagógico do docente, ao mesmo tempo em que amplia o seu letramento racial crítico.



## PARA SABER MAIS

- + **Autores africanos:** Chimamanda Ngozi Adiche, Wole Soyinka, Scholastique Mukasonga, Chinua Achebe, Imbolo Mbue, Ngũgĩ wa Thiong’o, Paulina Chiziane, Leonora Miano, Ondjaki, entre outros.
- + **Filmes dirigidos e protagonizados por mulheres negras:** *Queen & Slim* (Milena Matsoukas), *Pariah* (Dee Rees), *Rafiki* (Wanuri Kahiu), *O dia de Jerusa* (Viaviane Ferreira), *Kbela* (Yasmin Thayná)...
- + **Perfis no instagram (escritores, jornalistas, professores, criadores de conteúdo digital...):** @listapreta, @noticia.preta, @almapretajornalismo, @adjunior\_real, @oyurimarcas, @rosaneborges, @julianaborges\_1, @papodepreta, @raymundojonathan, @pretitudes, @gentepreta, @escurecendofatos, @luci.nasc, @odailtaalves, @jeferson.tenorio.9, @savagefiction, @isablackwoman, @carioquicenegra, @chavosodausp, @brunoramosfunk, @funknopoder, @funkeiroscults, @profa.julianabraganca, @kassy.muniz, @analureexistencia, @tassiaseabra...
- + **Podcasts:** *Afetos*, *AfroPai*, *AfroPausa*, *Depois das 19*, *Lista Preta Podcast*, *História Preta*, *Kilombas Podcast*, *Lado Black*, *Papo Preto*, *Pele Preta*, *Negro da Semana*...

## Referências bibliográficas

Canal Jana Viscardi. *Pretuguês, de Lelia Gonzalez: passado e presente* | Jana Viscardi. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=AA4MjU-Q-Zk>

Canal Jana Viscardi. *Racismo linguístico feat Gabriel Nascimento* | Jana Viscardi. <https://www.youtube.com/watch?v=PIV2O8A2P4A>

Canal GNT - *A verdadeira história do povo negro que não te ensinaram na escola* | Papo Rápido | Papo de Segunda - <https://www.youtube.com/watch?v=wV-4ZXfQPt2s>

CANNIBAL. *Música para o povo que não ouve*. Recife: Cepe, 2018.

HOOKS, bell. *Ensinando a transgredir: A educação como prática de liberdade*. São Paulo: Martins Fontes, 2017.

GOMES, Jaciara. *O que é racismo linguístico?* Disponível em <https://www.edocente.com.br/blog-racismo-linguistico/>

GOMES, Jaciara. *“Do Recife para o mundo”: Os significados do (brega)funk pernambucano*. São Paulo: Pimenta Cultural, 2021. Disponível em <https://www.pimentacultural.com/livro/recife-mundo>.

GOMES, Jaciara. *O gênero funk no ensino fundamental II: Uma leitura possível!?*. In: Sinara de Oliveira Branco e Josilene Pinheiro-Mariz. (Org.). *Estudos em linguagens, discursos e traduções*. 1ed. Campina Grande: EDUFPG, 2016, v. , p. 55-71.

GOMES, Jaciara. *O gênero grafite no ensino médio*. In: Clecio Bunzen; Márcia Mendonça. (Org.). *Múltiplas linguagens para o ensino médio*. 1ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2013, v. 1, p. 119-134.

MUNIZ, Kassandra. *Educação antirracista: O que é e como aplicá-la*. Disponível em [https://www.youtube.com/watch?v=T\\_P4\\_iYaTC4](https://www.youtube.com/watch?v=T_P4_iYaTC4)

NASCIMENTO, Gabriel. *Racismo Linguístico: Os subterrâneos da linguagem e do racismo*. Belo Horizonte: Letramento, 2019.

SOUZA, Ana Lúcia. *Letramentos de reexistência: Poesia, grafite, música, dança: hip-hop*. São Paulo, Parábola Editorial, 2011.

GOVERNO DO ESTADO DE PERNAMBUCO

Raquel Teixeira Lyra Lucena  
Governadora do Estado

Priscila Krause Branco  
Vice-Governadora

Ivaneide de Farias Dantas  
Secretária de Educação e Esportes – SEE/PE

Tarcia Regina da Silva  
Secretária Executiva de Desenvolvimento da Educação – SEDE

Secretaria Executiva  
de Desenvolvimento  
da Educação

Secretaria  
de Educação  
e Esportes



GOVERNO DE  
**PER  
NAM  
BUCO**  
ESTADO DE MUDANÇA



Secretaria Executiva  
de Desenvolvimento  
da Educação

Secretaria  
de Educação  
e Esportes



GOVERNO DE  
**PER  
NAM  
BU**CO  
ESTADO DE MUDANÇA

